



APRESENTAÇÃO

O v. 21, n. 3, da revista *Em Tese* traz como tema o dossiê **PAISAGEM: SUBSTÂNCIA LENHOSA DA LÍNGUA**. Desde o Iluminismo, a paisagem é vista, comumente, como uma construção humana enquadrada no campo das representações. Nessa direção, é a partir da capacidade do homem de representar a paisagem por palavras, sons e imagens que ela passa a existir, ou seja, somente quando é delimitada no campo do humano pode-se falar dela. Nesse contexto, ela nos deu uma nova dimensão espacial, a perspectiva, oferecendo-nos o abismo e o horizonte, por exemplo. Mas e se caminhamos em outra direção? Se não concebermos a paisagem como uma construção do homem, mas como o que sempre esteve lá a nos espreitar como uma força, uma potência, apontando-nos justamente o que a representação não encerra? Se pensarmos, com Agamben, que o limite da língua não está, necessariamente, no silêncio, no indizível, mas em sua “substância lenhosa”, para onde nos dirigiríamos? E se

tomássemos a perspectiva como uma orientação não somente espacial, mas também ontológica, na qual todo habitante do planeta teria um modo de vida a ser compartilhado, vislumbrando uma noção de identidade mais aberta, menos binária, em que se conceberia o outro não mais como um espelho, mas como um destino, como escreveu Viveiros de Castro sobre os Tupinambá? Para onde caminhariam a literatura e a crítica literária?

Essas são algumas questões suscitadas por este dossiê da revista *Em Tese*. Convidamos todos os escritores, poetas, artistas e pesquisadores que compõem este número a pensar a paisagem não mais como uma construção do homem, mas justamente como o que excede, a porção inumana que o invade, desestabilizando a ordem social, cultural, política e econômica, levando-o, sempre, mais além, indo ao encontro desta constatação de Hölderlin: não há na terra uma medida.

Nessa perspectiva, o **Dossiê** traz oito trabalhos que se concentram em diferentes abordagens sobre a noção de paisagem. Em “Um nó de sangue na garganta: a experiência do poema em Herberto Helder”, de Erick Gontijo Costa, ela é apresentada ao longo da obra de Helder e relaciona-se, sobretudo, com a noção de exterior. Michel Mingote Ferreira de Azara, com o artigo “Paisagem sensível: a percepção do espaço urbano na obra de Samuel Rawet”, aborda-a como um “fundo de natureza inumana sob o qual se instala o homem” e um “ponto de inflexão desterritorializador”. Já em “O relevo de *Água viva*: Clarice Lispector e a escrita da paisagem”, Tatiane Costa Souza trabalha a paisagem a partir de alguns livros de Clarice, aproximando-a ao não humano. Maraíza Labanca, tomando como suporte principal o texto “Manchas na pele, linguagem”, de Nuno Ramos, aproxima-a à matéria em seu texto “Eu te dou a minha palavra (A matéria não mente)”. Daiane Carneiro Pimentel traz o artigo

“Imagem-paisagem: a descrição pictural em *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum”, focando no caráter pictórico da paisagem na referida obra do escritor brasileiro. Em “Ética da paisagem”, João Rocha, a partir da obra de Maria Gabriela Llansol, aposta em um movimento ético da paisagem e nas aberturas que este pode causar na relação da literatura com o mundo. “Alvorada lá no morro, que beleza! Hermínio, a paisagem e as cores do samba”, de Francisco Antonio Romanelli, traz canções-pinturas que vão recriando a paisagem do Rio de Janeiro a partir de algumas letras do samba. Por fim, Cesar Augusto López, com seu trabalho “Experimentar con la literatura desde un pensamiento otro”, traz a possibilidade de concepção de novas formas de pensamento, embasadas pelo pensamento ameríndio, calcado no mito, e a noção de que a paisagem não é um lugar para se explorar, mas para partilhar a “beleza do exigente pensar”.



Excepcionalmente para este número, a seção **Teoria da Literatura e Ensino de Literatura** não conta com nenhum texto.

A seção **Crítica Literária, outras Artes e Mídias** conta com a contribuição de Paulo Gerson Rodrigues Stefanello, com o texto “A semiosfera do sexo em *Irréversible*”, no qual procura demonstrar que o caráter de irreversibilidade do filme está associado, sobretudo, ao sexo.

Na seção **Tradução e Edição**, Marcelo Fonseca apresenta “O navegante”, poema de Ezra Pound baseado em uma obra homônima da poesia anglo-saxã.

Na seção **Em Tese**, Pedro Leites Jr., com o artigo “A relação entre os Mannon e as figuras dos coros em *Electra enlutada* (1931), de Eugene O’Neill: exemplaridade, intertexto e tragicidade”, explora a expressão do elemento

trágico na peça do dramaturgo estadunidense, considerando as relações intertextuais com o mito grego de Electra e com a *Oréstia*, de Ésquilo. Em “Nova York selvagem: imagens da cidade em *Maggie: a Girl of the Streets*, de Stephen Crane”, Adriana Carvalho Conde analisa a atuação da cidade de Nova York no destino da personagem Maggie, jovem que experimenta a decadência nos *tenements* do século XIX.

Em **Entrevistas**, Cleber Cabral e Rafael Lovisi compartilham conosco o diálogo com o poeta, pesquisador, ensaísta e professor Alberto Pucheu.

Na seção **Resenhas**, Mário Alex Rosa apresenta a paisagem desolada do poeta Marcelo Dolabela em *acre azedo ácido*. E Valdemar Valente Junior aborda o romance *Hosana na sarjeta*, de Marcelo Marisola.

Finalmente, a seção **Poéticas** expõe trabalhos de Vídeo, Imagem e Texto, em consonância com o tema deste dossiê. Trazemos o vídeo *Arranjo em busca de um paradigma para a relação entre o crítico literário e o poeta*, de Alberto Pucheu, e também alguns poemas do autor, além de uma parte da série fotográfica *Paisagens urbanas quase sem paisagens*. A seção traz ainda a série *Pintura a fora*, de Leonora Weissmann, na qual a paisagem se revela em suas múltiplas formas, e as obras *Foglia* e *Paesaggio del cervello*, do italiano Giuseppe Penone, introduzidas por Marina Câmara, em que o artista nos apresenta “ a paisagem que nos circunda” e que “possuímos dentro desta caixa de proteção”: o crânio.

Boa leitura!

Aline Sobreira de Oliveira

Felipe Oliveira de Paula

Gustavo Cerqueira Guimarães

João Alves Rocha Neto

Josué Borges de Araújo Godinho

Rafael Castro

Rafael Otávio Fares